

# Boletim de Conjuntura Econômica do ABCDMRR

## EDITORIAL

### O ABC DOS TRABALHADORES, E OS DESAFIOS HISTÓRICOS DIANTE DE TODOS NÓS

Maio. E se falamos de maio, e do Trabalho como identidade regional, falamos do ABC, aliás, Grande ABC. A região tem na sua história recente, essa marca. Não porque seja a única, ao contrário e apesar de todos os ataques dos últimos anos, a população brasileira se desdobra para viver do seu próprio trabalho, duro e mal remunerado para a imensa maioria.

Mas o ABC tem o trabalho no centro de uma cultura forjada na região, o ABC é o epicentro da redemocratização, meio século atrás, e o ABC será novamente a ponta de lança em defesa da nossa democracia, e do desenvolvimento que podemos e devemos alcançar.

O ABC dos operários, como bem identificou o historiador John French, nasceu muito antes, na virada do século XIX, incluindo a greve histórica de 1906 na Tecelagem Ipiranguinha. As categorias mais expressivas, metalúrgicos e químicos, organizam seus sindicatos no início dos anos 1930, quase cem anos atrás. O impulso da industrialização vem junto com uma trajetória de lutas e de organização. E o Brasil se liberta da ditadura militar, pulsando a partir do ABC.

Os tempos são outros, temos novos desafios, e outros ainda persistem. A sustentabilidade está no campo mais contemporâneo, a emergência climática coloca em xeque a sobrevivência de nossos filhos e netos, a sobrevivência de todo um planeta. Como fica a nossa região nesse contexto, que papel podemos cumprir, como podemos alterar nossos padrões de consumo, como podemos mudar nossos modos de viver e produzir, como modernizar nossas cidades e nossos locais de trabalho? Temos aqui uma agenda ampla, de trabalhadoras e trabalhadores enquanto cidadãos, responsáveis pelo nosso próprio tempo, mas também pelo tempo futuro. O papel decisivo que os sindicatos cumpriram na construção da Câmara Regional se repete agora, com uma nova gestão dos Metalúrgicos do ABC à frente da Agência de Desenvolvimento, numa agenda de retomada e esperança, que tenha o trabalho e os trabalhadores no centro de uma nova economia regional.

Mas essa discussão não se fecha unicamente nesse tema, e se estamos no Brasil, e se estamos no ABC, cabe reafirmar demandas históricas que ainda nos marcam. A redução das desigualdades é uma delas, passando centralmente pelo enfrentamento diante da pobreza, pela igualdade racial, por políticas de gênero em busca de equidade e diversidade, pelas iniciativas em prol da melhoria de nossas condições de vida, por relações de trabalho focadas na redistribuição de renda e na dignidade da pessoa humana, como declara a nossa Constituição Federal em seu artigo 1º.

O ano de 2022 nos coloca mais um desafio crucial, que já conhecemos, e que integra desde sempre os valores fundamentais do sindicalismo brasileiro, sob influência decisiva do Grande ABC desde os anos 1970. A defesa da Democracia, o combate incansável diante de todos os ataques desferidos contra o Estado brasileiro, será como antes a tarefa de toda uma geração. Os trabalhadores e trabalhadoras do ABC estarão na linha de frente, mais uma vez, combatendo o bom combate. Com dignidade, e pela Democracia, hoje e sempre.

**Luís Paulo Bresciani**

Coordenador da subseção Dieese no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e Fundação Getúlio Vargas (FGV)  
lpbresciani@gmail.com



### Sumário

Expediente .....	01
É necessário realizar escolhas para a economia do GABC, ainda que tardiamente .....	02
Inovação e crescimento econômico .....	02
Nota acerca do crescimento do microcrédito .....	03
Mercado de trabalho feminino na Região metropolitana do ABC .....	03
A profissão do economista .....	05
Políticas públicas para o Fomento à geração do emprego e renda .....	06
Boletim econômico da cidade de Mauá .....	06
Apesar da crise, comércio espera cenário favorável .....	07
A importância da digitalização no cenário econômico .....	07
A evolução do emprego em relação à pré-pandemia: uma comparação entre ABCDMRR, São Paulo e Brasil .....	07
Espaço jovem economista .....	09
Dados do ABCDMRR .....	10



## Expediente

### **Conselho Regional de Economia/SP - CORECON/SP**

**Presidente:** Pedro Afonso Gomes

**Vice-presidente:** Gilson de Lima Garófalo

**Conselho Editorial:** Antônio Fernando Gomes Alves (n. 30.631), Vinicius Oliveira Silva (n. 31.235), Sandro Renato Maskio (n. 29692), Adriana Maria de Sousa (n. 34.954), Sandra Collado Gonsales (n. 35.169), José Roberto Rodrigues Silva (n. 31.894), Lucio Flavio da Silva Freitas (n. 37.307), Claudete da Silva Magalhães, Lorenzo Rea (n. estudante 4587)

**Edição e Diagramação:** Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Agência Unbox

**Revisão:** Karen Francis Bellomo Ringis

**Periodicidade:** Mensal

**E-mail:** coreconabc@terra.com.br

### **Delegacia Regional do Grande ABC**

**Delegado Regional:** Antônio Fernando Gomes Alves

**Secretária:** Claudete da Silva Magalhães

**Estagiário Econômico:** Lorenzo Rea

### **Delegacia Regional do Grande ABC - Conselho Regional de Economia/SP - CORECON/SP**

Rua Campos Sales, 490 - Sala 92 - Centro - Santo André - SP - CEP: 09015-200 Telefone: (11) 4436-6482

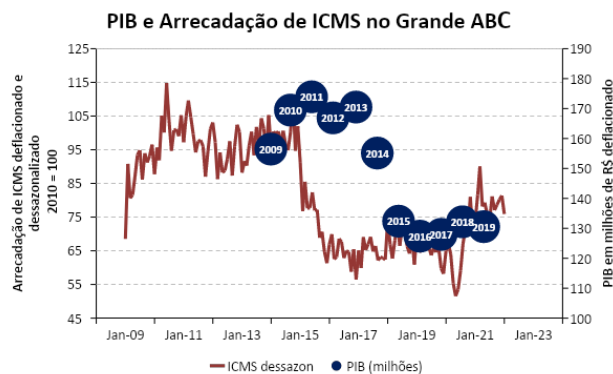
É permitida a reprodução das matérias reportadas no Boletim desde que ocorra a citação das fontes. A responsabilidade do conteúdo das matérias é exclusivamente atribuída aos respectivos autores.

## É NECESSÁRIO REALIZAR ESCOLHAS PARA A ECONOMIA DO GABC, AINDA QUE TARDIAMENTE

Na década compreendida entre 2010 e 2020, incorporando os efeitos da pandemia neste último ano, a economia brasileira apresentou um crescimento acumulado de apenas 2,36%, considerando os ajustes sazonais, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No período entre 2009 e 2019, para os quais há dados oficiais divulgados pelo IBGE sobre o PIB dos municípios, o PIB do GABC apresentou uma retração de 16,5%. Nesse mesmo intervalo a economia paulista cresceu 10,7% e da Região Metropolitana de São Paulo 5,2%.

O desempenho negativo apresentado pela região do GABC foi determinado pela retração do PIB Industrial, que encolheu 41,2% no decênio.



Fonte: IBGE e SEADE, para os dados do PIB, deflacionados pelo deflador do PIB paulista. SEFAZ, para os dados de arrecadação do ICMS. Estão deflacionados pelo IPCA, e dessazonalizados, sendo a média de 2010 = 100.

Observando os dados do PIB da região, e da arrecadação de ICMS, observa-se que após a retração provocada pela recessão de 2014 a 2016, a economia da região se “estabiliza” em um nível de atividade econômica significativamente abaixo do apresentado no início da década de 2010. Mesmo com a leve recuperação observada na arrecadação de ICMS em 2021, ainda há uma grande distância em relação ao comportamento observado entre 2010 e 2013.

Do ponto de vista dos dados agregados, pode-se apontar uma trajetória de desindustrialização, caso seja considerado como conceito desse fenômeno a perda da atividade industrial direta na composição da atividade econômica. Algumas das explicações para esse fenômeno buscam incorporar os efeitos da ampliação da demanda por serviços industriais gerados pela reorganização da cadeia produtiva, os efeitos sobre o mercado de trabalho e suas mudanças setoriais, entre outros.

Em uma avaliação cuidadosa, há alguns elementos que precisam ser considerados. O primeiro deles, refere-se à perda de peso da atividade industrial na economia brasileira, com reflexos sobre a composição do PIB do GABC e a reorganização do tecido produtivo local, que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Em segundo, à perda de participação dos bens manufaturados (industrializados) no PIB mundial nas últimas décadas, que está atrelado não só à reorganização das cadeias de manufatura produtiva, como também à mudança nos padrões de consumo. Em terceiro, o efeito da concentração industrial na Ásia a partir do final da década de 1970, que inicialmente conseguiu fornecer condições para a recomposição dos lucros dos grandes oligopólios internacionais após o I e II Choques do Petróleo, e nas décadas mais recentes tem conseguido inserir importantes desenvolvedores de tecnologias e inovações.

O modelo produtivo que permitiu a ascensão do ABC paulista, puxado pelos investimentos estrangeiros de empresas multinacionais, especialmente entre as décadas de 1950 e 1960, alicerçou-se na economia interna de escala das plantas de produção, seguindo a lógica fordista, que se fundamenta na competição por custos de produção. Modelo que, com a Abertura Econômica da década de 1990, mostrou-se insustentável frente às mudanças no modelo produtivo.

A partir da década de 1970, as cadeias de produção têm caminhado para modelos mais flexíveis, em busca de maior flexibilidade produtiva, de racionalização e diferenciação de produtos e tecnologia. Com isso, as políticas de desenvolvimento ao redor do globo passaram cada vez mais a dar importância para as economias regionais no que tange ao desenvolvimento de competências produtivas e tecnológicas.

O Estado de São Paulo, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, começou a nortear sua política de desenvolvimento econômico, com objetivo de interiorizar a atividade produtiva. Nesse trajeto, além da melhoria das condições logísticas e da disponibilidade de

área, o Estado paulista investiu fortemente na criação de estruturas de geração de competências tecnológicas no interior. O que ajuda a compreender por que o interior do Estado de São Paulo, nos últimos 40 anos, apresentou um ritmo de crescimento médio mais intenso que a economia brasileira e a Região Metropolitana de São Paulo, no mesmo intervalo de tempo em que a economia do Grande ABC passou por significativas alterações produtivas. Contudo, a região não conseguiu desenvolver mecanismos que possibilitassem a melhoria da competitividade da região. As estratégias, majoritariamente defensivas, adotadas tanto pelas empresas quanto pelo poder público local, não ampliaram a competitividade regional para o aproveitamento de novas oportunidades, comparativamente a outras regiões. Em grande parte provocada pelo distanciamento dos governos suprarregionais, voltados ao desenvolvimento e à reconversão do Grande ABC. Cabe ressaltar que o Estado de São Paulo concentra o maior volume de investimentos em P&D no Brasil, e foi a única região do hemisfério sul listada como um dos 100 maiores *clusters* de inovação no *Global Innovation Index* de 2021.

Tanto a análise das transformações ocorridas nas últimas décadas como a observação do comportamento recente da economia regional, apontam para a necessidade de a região adotar uma estratégia voltada à ampliação da competitividade regional, o que já poderíamos considerar tardio se iniciadas na década de 1990.

Nesse desafio, não podemos perder de vista as tendências de reconfiguração da organização produtiva internacional e ampliação das estratégias para melhora das competências tecnológicas e inovativas, já anunciadas pelos países centrais.

**Prof. Dr. Sandro Renato Maskio**  
 Coordenador de Estudos do Observatório Econômico da UMESP Prof. de Economia da *Strong Business School* e da USCS  
[srmaskio@santoandre.sp.gov.br](mailto:srmaskio@santoandre.sp.gov.br)

## INOVAÇÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Tal como grande parte das empresas pelo mundo, aquelas instaladas na região do ABC buscam obter lucros. Esse é o principal objetivo das organizações do regime capitalista. Esse lucro pode ser realizado por meio do aumento da receita de vendas, ou aumento de preços, os quais podem impactar em um lucro final maior na companhia.

Uma outra forma de se obter lucros é através da inserção de novos produtos ou serviços em mercados existentes, ou até da criação de novos mercados. Essas novidades também podem ser chamadas de inovações. Nessa linha, uma dúvida frequente de muitas organizações é: qual o resultado que pode advir de uma inovação e qual o seu custo? A partir dessas duas informações é possível realizar uma análise de viabilidade para se tomar a decisão, de modo consciente, em se seguir com a inovação ou não.

Colocando essa questão em uma perspectiva econômica, a referida dúvida das organizações pode ser interpretada por meio de uma outra pergunta: inovação gera crescimento econômico?

De modo a trazer mais clareza para esse tema, foi realizado um profundo estudo das teorias de crescimento endógeno, agregando à literatura uma análise de dados inédita de patentes dos Estados Unidos da América em conjunto com dados de variação na produtividade da indústria desse país. Essas duas variáveis são utilizadas para simular exatamente a inovação e o crescimento econômico.

Foi feita, então, uma análise do comportamento dos dados ao longo do tempo de modo a verificar a existência ou não de causalidade entre essas duas variáveis. Ou seja, são utilizadas ferramentas estatísticas robustas para verificar se é possível afirmar que patentes são um fator que *causam* produtividade - em outras palavras: inovação causa crescimento econômico.

Os resultados obtidos indicam que essa relação causal entre as variáveis está presente com elevado nível de significância estatística, evidenciando que uma variação positiva na média anual da concessão de patentes causa uma variação positiva na produtividade - podendo-se, então, concluir que inovação gera crescimento econômico.

Uma inovação deste trabalho foi evidenciar empiricamente o tempo que a inovação leva para gerar o maior impacto econômico, que são no primeiro, sexto e sétimo anos após o ano de sua concessão. Assim, sugere-se que esta informação seja incorporada aos ciclos de planejamento econômico-financeiro das organizações.

Diversas empresas do setor automotivo do ABC já têm caminhado nessa linha de modernização dos processos tecnológicos com o objetivo de alavancar eficiência, e, por consequência, seus resultados. Dessa forma, as inovações implementadas por elas, sem sombra de dúvida, trarão benefícios econômicos para a região e para a sua população.

*Por Rafael Gazi*

**Rafael Gazi é engenheiro pela Poli-USP, mestre em Engenharia pelo *Politécnico di Torino*, mestre em Economia pelo Insper e possui MBA pela EAESP-FGV. Rafael atua como gerente de Engenharia de Manufatura na Mercedes-Benz do Brasil e é Head de Indústria 4.0. [rafael.gazi@gmail.com](mailto:rafael.gazi@gmail.com)**

## NOTA ACERCA DO CRESCIMENTO DO MICROCRÉDITO

O segmento das microfinanças é aquele que oferece produtos e serviços voltados aos clientes de baixa renda, historicamente excluídos do mercado financeiro. São seguros, financiamentos, antecipação de recebíveis e empréstimos, muitas vezes inacessíveis àqueles com menor capacidade de pagamento. O microcrédito é um desses produtos, o crédito de pequenos valores com pouca, ou nenhuma, exigência de garantia.

No Brasil de hoje, em que a inflação castiga e o nível de emprego reage lentamente, o microcrédito tornou-se uma opção para quem precisa de liquidez ou deseja empreender, por oportunidade ou necessidade. O Programa Nacional do Microcrédito Produtivo Orientado (PNMPO), criado em 2005, atende a essa demanda. Microempreendedores rurais e urbanos com receita bruta anual de até R\$ 81 mil, se microempreendedores individuais, ou R\$ 360 mil, se microempresas, podem solicitar recursos junto às entidades que oferecem essa linha de crédito.

Para além do PNMPO, em março deste ano foi criado o Programa de Simplificação do Microcrédito Digital, que oferece entre R\$1 mil e R\$3 mil com juros baixos, mesmo que o tomador do empréstimo esteja negativado. O empréstimo é feito on-line através de aplicativo de celular. A expectativa do governo federal é atender até 4,5 milhões de empreendedores. Um alento para quem tem dívidas e estímulo pontual para a economia.

Em 2021, as entidades da Associação Brasileira de Entidades Operadoras de Microcrédito e Microfinanças (ABCRED) liberaram R\$ 858,4 milhões contra R\$ 691,4 milhões no ano anterior, crescimento nominal de 24%. Para este ano, o crescimento previsto pela ABCRED é de 20%. No ABC paulista, o empreendedor tem acesso ao microcrédito oferecido pelos grandes bancos e por instituições locais, como é o caso do Banco do Povo Crédito Solidário.

A que podemos atribuir o desempenho do microcrédito? O crescimento hoje se dá em um contexto de

recuperação da economia dos efeitos da crise sanitária provocada pela pandemia de covid-19. A pandemia atingiu mais gravemente o setor de serviços, justamente o setor predominantemente entre os microempreendedores, e o microcrédito proporciona a retomada das atividades e a recuperação da fonte de renda.

Vale o registro, somente no ano passado foram criadas quase 4 milhões de novas microempresas individuais. E sinal dos tempos, o mercado de trabalho ainda está distante do ideal, sua reação mais recente se deu nos serviços, e com expressiva participação do trabalho informal. Além disso, as novas tecnologias oferecem oportunidades de ocupação e possibilidades de empreender. Nesse caso, microcrédito pode conferir o capital adequado para o microempreendedor alcançar melhores resultados.

**Lucio Silva, economista do GRUPO EURO17**  
[lucio.freitas@online.uscs.edu.br](mailto:lucio.freitas@online.uscs.edu.br)

## MERCADO DE TRABALHO FEMININO NA REGIÃO METROPOLITANA DO ABC

Considerando que o mês de maio é dedicado tanto às reflexões quanto aos desafios no mundo do trabalho, esta breve nota tem como objetivo apresentar alguns indicadores que possam ajudar no debate quanto à inserção das mulheres, em especial das economistas no mercado de trabalho.

Quando se trata da questão feminina, os números em geral da RMABC não são muito animadores. A necessidade de conciliar atividades produtivas com atividades reprodutivas de cuidado da casa e da família, vem consolidando um padrão de (i) duplas jornadas, tanto em casa como no trabalho; (ii) inserção em atividades que permitam maior flexibilidade de horários, em geral que resultem em (iii) padrões de remuneração inferiores aos recebidos pelos homens. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Previdência mostram que, a despeito de a população em idade ativa ser em torno de 51%, apenas 43% do emprego formal é preenchido por mulheres. Considerando um total de 312,8 mil mulheres empregadas, 51% das vagas no setor de serviços são preenchidas por mulheres, no comércio esse percentual é de 46% e por outro lado na construção civil é de apenas 12%. Os dados de remuneração também são desfavoráveis às mulheres. Nos setores de comércio e serviços, os salários femininos são aproximadamente 80% dos pagos aos homens e na

indústria de transformação está o maior diferencial: cerca de 65% (ver quadro1).

Tais dados gerais levantam um questionamento se esse mesmo padrão é verificado no segmento mais qualificado. A inserção das mulheres economistas foi escolhida para ilustrar esse caso.

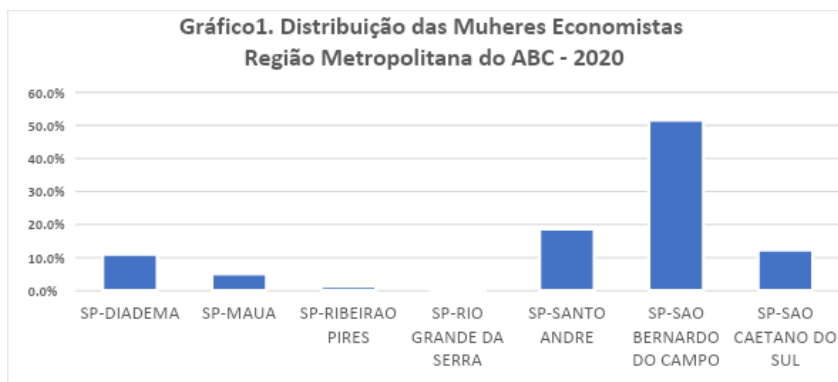
Tomando como referência os dados da RAIS, observa-se em 2020 a RMABC empregava cerca de 996 economistas, desse total 611 mulheres. Como pode ser observado no gráfico 1, mais da metade desse emprego (51,6%) está concentrado no município de São Bernardo do Campo, seguido por Santo André e São Caetano, com índices bem inferiores. Por setor de atividade, as economistas estão inseridas em atividades de serviços, seguida pelas atividades industriais. E como pode ser observado no quadro 2, com exceção da Administração Pública, as economistas ocupam mais da metade dos postos destinados aos economistas em todos os setores de atividade. No entanto, em todos dos setores, mais uma vez com exceção da Administração Pública, os salários são inferiores aos pagos aos homens.

Confirmando que a despeito do padrão de escolaridade, mulheres têm inserção pior do que as verificadas para os homens. Porém, cabe destacar que esse comportamento não ocorre no setor público, talvez uma hipótese seja a de que o emprego público, com processos seletivos mais estruturados e com emprego estatutário. Ocorrendo que, possíveis práticas discriminatórias poderão ser combatidas na medida que identificadas no mercado de trabalho.

Quadro 1 - Indicadores de Emprego e Remuneração RMABC, 2020

Setor de atividade (emprego total)	2020		
	% mulheres em cada setor	Distribuição do emprego feminino	Relação salário feminino/ salário masculino
2 - Indústria de transformação	25%	14%	65%
4 - Construção Civil	12%	1%	97%
5 – Comércio	46%	21%	79%
6 – Serviços	51%	53%	83%
7 - Administração Pública	70%	10%	87%
<b>Total Região ACBC</b>	<b>43%</b>	<b>100%</b>	<b>77%</b>

Fonte: Elaboração própria. RAIS, MTP, 2020



Fonte: Elaboração própria. RAIS, MTP, 2020

Quadro 2 - Indicadores de Emprego e Remuneração dos Economistas. RMABC, 2020

Setor de atividade (emprego de economistas)	2020		
	% mulheres em cada setor	Distribuição do emprego feminino	Relação salário feminino/ salário masculino
2 - Indústria de transformação	54%	33%	79%
4 - Construção Civil	50%	2%	66%
5 - Comércio	67%	14%	83%
6 - Serviços	69%	47%	78%
7 - Administração Pública	41%	2%	109%
<b>Total</b>	<b>61%</b>	<b>100%</b>	<b>76%</b>

Fonte: Elaboração própria. RAIS, MTP, 2020

Eliane Navarro Rosandiski  
Economista, Professora Extensionista do Observatório  
PUC-Campinas  
[eliane.rosandiski@gmail.com](mailto:eliane.rosandiski@gmail.com)

## A PROFISSÃO DE ECONOMISTA

A profissão de economista no Brasil foi regulamentada apenas em 1951 com a Lei nº 1.411, mais de um século e meio após a publicação de “A Riqueza das Nações” de Adam Smith, considerado um marco na constituição da nossa profissão na era moderna. Com raízes na filosofia, história e matemática é uma profissão que encanta e, às vezes, elevada à condição de profissional que tem as respostas para problemas complexos na ponta da língua, quem nunca ouviu a pergunta “como resolver o problema do Brasil?” Ao mesmo tempo é também uma profissão frequentemente simplificada, afirmações como “então você sabe bem economizar seu dinheiro”, ou “você sabe lidar com o dinheiro” são comuns e ouvimos muitas vezes ao longo da carreira. Também somos confundidos com administradores ou contadores por “lidar com números” e também nos relacionam como pertencentes da área de exatas e quando desfazemos essa confusão e explicamos que somos da área de ciências humanas e sociais, muitos ficam surpresos.

No Brasil somos cerca de 230 mil registrados nos conselhos. Nossa profissão é caracterizada pela diversidade propiciada pela amplitude da nossa formação, que inclui história, sociologia, teoria econômica, matemática e estatística, o que possibilita trabalharmos em diversas áreas, como perícia econômica, assessoria e consultoria de diversos formatos, como viabilidade econômico-financeira, pesquisas de assuntos variados, análise de investimentos, planejamento e acompanhamento de investimentos, análise de orçamentos públicos e privados, dentre outras descritas na regulamentação da profissão. É fato que nos últimos 40 anos as transformações do capitalismo, com a dominância das finanças sobre as atividades produtivas, também trouxeram importante impacto no mercado de trabalho dos economistas.

Hoje, uma grande parte de economistas trabalha no mercado financeiro ou em áreas correlatas, não é à toa a confusão feita por parte da sociedade quanto à característica da profissão, o que pode ser um limitador à contribuição que podemos oferecer para os diversos problemas econômicos e principalmente sociais. Nesse sentido é importante reforçar que somos profissionais que podem atuar em diversas áreas e funções com igual habilidade e competência, portanto, capazes de contribuir para toda sociedade em prol do desenvolvimento econômico, da justiça social e da redução das desigualdades.

**Miguel Huertas Neto**  
 Professor de Economia na USJT  
[miguelhuertasneto@gmail.com](mailto:miguelhuertasneto@gmail.com)

## POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O FOMENTO À GERAÇÃO DO EMPREGO E RENDA

Acreditamos que a política pública mais importante é aquela que oportuniza ao cidadão a condição de subsistir, através da inclusão produtiva para acesso ao mercado de trabalho, e como consequência gera fomento econômico na cidade e em toda região do Grande ABC, mas que principalmente aumenta a qualidade de vida da população e leva a um resgate da dignidade da pessoa.

Vivemos um momento delicado não apenas na cidade ou na região do Grande ABC mas de forma mais ampla e global, vivemos o início da retomada econômica que se dará de forma gradual e exponencial e o momento é de fomentar políticas públicas que possam mitigar os efeitos deixados pela crise pandêmica e ao mesmo tempo incentivar o empreendedorismo para obter a geração de renda e de trabalho, o desafio do poder público é estabelecer um fluxo com o mínimo de burocracia e o máximo de agilidade e incentivo, mantendo a todo momento as portas do município abertas para o diálogo com o setor privado.

Dentre as políticas públicas mais importantes implantadas pelo Município de São Bernardo do Campo tem-se o programa de qualificação profissional e empreendedora, que é realizado pela Secretária de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Trabalho e Turismo. Realizado entre 2017 e 2021, sob o nome Emprega SBC, o programa foi aprimorado e expandido para o ano de 2022 ganhando o nome de Qualifica Mais SBC e irá oferecer durante o ano diversas oportunidades nas áreas de gastronomia, beleza, logística, tecnologia, administração entre outros.

O Programa Qualifica Mais SBC tem por objetivo qualificar o munícipe para as vagas não preenchidas na Central de Trabalho e Renda que é a agência pública de emprego do município de São Bernardo do Campo, preparando o cidadão para o primeiro emprego ou para a realocação no mercado de trabalho.

Toda parte pedagógica é oferecida pela Prefeitura de São Bernardo do Campo em parceria com a unidade do Senac existente na cidade, oportunizando a melhor formação possível ao cidadão dentro do existente no mercado, um diploma que é reconhecido pelo mercado e aceito em todo território nacional.

Implantamos ainda os cursos de empreendedorismo em parceria com o Sebrae do Grande

ABC através da Sala do Empreendedor, para possibilitar desenvolvimento a todos os empreendedores da cidade, gerando fomento econômico e novos empregos.

Ainda, para mitigar os efeitos da pandemia e acelerar a retomada econômica, entendemos que o papel da prefeitura é aproximar o cidadão das empresas e para tanto criamos o feirão do emprego que realizamos de forma temática e pela primeira vez a todo cidadão no último dia dois. Contamos com mais de mil e quinhentas vagas e mais de trinta empresas selecionando durante o evento.

Todas as políticas públicas possibilitam que, mesmo em meio à retomada econômica, a cidade seja eleita como melhor cidade para as indústrias, mantenha mesmo diante de um momento de fragilidade econômica global um CAGED positivo e continue liderando o Grande ABC no rumo do Desenvolvimento Econômico e da geração do emprego e renda.

**Por: Hiroyuki Minami - Secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Trabalho e Turismo de São Bernardo do Campo, Zaquie Emydio dos Santos Júnior, Assessor de governo.**  
[sdect@saobernardo.sp.gov.br](mailto:sdect@saobernardo.sp.gov.br)

## BOLETIM ECONÔMICO DA CIDADE DE MAUÁ

O município de Mauá está localizado na região metropolitana de São Paulo, compondo a região do Grande ABC. Possui 62 km de extensão e tem cerca de 20% de seu território com área de proteção e recuperação de mananciais. Segundo estimativa do IBGE 2022, a cidade tem cerca de 481.725 habitantes.

Mauá possui dois polos industriais: o Polo Petroquímico de Capuava onde estão localizadas indústrias como a Refinaria de Capuava da Petrobras (RECAP), Oxiteno, Cabot, Chevron e a Bras kem e o Polo Industrial de Sertãozinho que conta com micros, pequenas, médias e grandes empresas, principalmente do setor metalomecânico, fornecedoras das cadeias produtivas automotivas e linha branca, além de zona de Desenvolvimento em logística e zona de desenvolvimento tecnológico com baixo impacto.

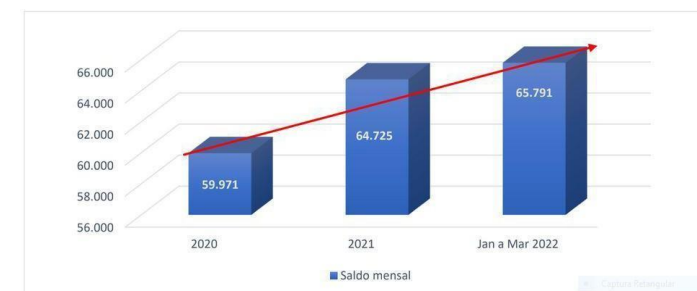
O município é localizado em uma área estratégica, possuindo alça de acesso ao Rodoanel Mario Covas, o que facilita o acesso às principais rodovias, ao Porto de Santos e aos Aeroportos de Congonhas e Cumbica, contam também com estrutura de transporte urbano e ferroviário, possuindo 3 estações de Trem, sendo elas: Capuava, Mauá e Guapituba, destacando-se assim, como cidade com grande potencial de investimento.

A Cidade disponibiliza intermediação de mão de obra para as empresas e comércios através do Centro Público de Trabalho e Renda, onde são ofertadas em média 100 vagas de emprego semanais.

A atual gestão vem trabalhando para retomar a credibilidade dos investidores que buscam oportunidade para se instalar em Mauá, promovendo o trabalho e a geração de renda.

Segundo o IBGE, em 2019, o salário médio mensal era de 3.1 salários-mínimos, e a cidade possui um PIB per capita de 34.430,52 R\$. De acordo com o CAGED a cidade vem apresentando um bom resultado no crescimento de empregos formais, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – retomada de crescimento



Fonte: IBGE, 2019.

O gráfico demonstra a retomada do crescimento na cidade, sendo que em dezembro de 2020 o saldo acumulado foi negativo (-1.023), encerrando o ano com 59.971 postos de trabalho. Em 2021, o cenário já mostrou melhora, sendo que o saldo acumulado foi de 4.754 vagas e o ano terminou com 64.725 empregos. De janeiro a março de 2022 houve um crescimento de 959 novos postos de trabalho, perfazendo um saldo de 65.791 empregos formais distribuídos entre comércio, indústria, serviços e construção. Demonstrando assim, que na atual gestão foram gerados 5.820 postos de trabalho formal até o último mês de março.

De acordo com o Simples Nacional, Mauá tem 37.337 inscritos como MEI (microempreendedor individual) e cerca de 4 mil empresas de diversos segmentos.

Somando-se os empregos formais e os optantes pelo MEI a cidade tem cerca de 103.128 municípios com algum tipo de renda.

A gestão Mauá para todos vem criando um diálogo permanente com os empreendedores com o intuito de constituir uma cultura empreendedora, apostando em iniciativas que gerem trabalho, em prego e renda.

**Nelsi Rodrigues da Silva – (Morcegão) Secretário de Trabalho e Renda**

E-mail: [nelsimorcegao57@gmail.com](mailto:nelsimorcegao57@gmail.com) -  
[trabalhoerenda@maua.sp.gov.br](mailto:trabalhoerenda@maua.sp.gov.br)

### **APESAR DA CRISE, COMÉRCIO ESPERA CENÁRIO FAVORÁVEL**

As expectativas de empresários do setor do comércio e de atividades de serviços para este ano são de retomada e de recuperação dos segmentos. É importante notar que a atual realidade é diferente em função do arrefecimento da pandemia, o avanço da vacina contra a covid-19, a reabertura definitiva dos estabelecimentos e o fim da obrigatoriedade das máscaras.

A perspectiva é de que seja revertido o prejuízo e, consequentemente, haja volta da geração de emprego e renda para que as pessoas possam sustentar suas famílias. Esse desempenho, contudo, tem como base os períodos de 2020 e 2021.

Entretanto, o desafio segue e vemos uma evolução que vem acontecendo com a ampliação da circulação das pessoas nas ruas, nos principais polos comerciais e nos shoppings, o que tem levado gradativamente os consumidores às compras nos estabelecimentos físicos. É esperada a continuidade desse movimento nos próximos meses, mas ainda há desafios e incertezas ao longo de 2022.

O recente Dia das Mães, considerada a segunda melhor data em vendas para o varejo, trouxe um otimismo e espera-se a mesma performance nas datas seguintes como o Dia dos Namorados e ao longo do próximo semestre com a agenda comemorativa do segmento, com o Dia dos Pais, das Crianças, seguidos pela Black Friday e por fim, o Natal.

O movimento no Dia das Mães, assim como as outras datas, vai além do varejo. Há reflexo nos salões de beleza, restaurantes e até eventos. Além disso, não só as mães recebem presentes. O brasileiro tende a homenagear

e fazer compras também para as esposas, avós, irmãs, tias e sogras. Há ainda os consumidores que aproveitam para reformar a casa ou comprar eletrodomésticos. Tudo isso puxa favoravelmente o faturamento para os meses subsequentes.

Outro fato a se destacar é que a Copa do Mundo não será no meio do ano, como tradicionalmente. Em geral, esse evento tende a dar uma parada no comércio, algumas atividades fecham mais cedo refletindo no faturamento. Dessa vez será no fim do ano quando chega o período de maior movimento, o das festas natalinas.

Não podemos esquecer, contudo, que estamos em ano eleitoral, que sempre traz um cenário desafiador em função do quadro incerto e a prevista polarização para as eleições em outubro. A consequência é a disparada do dólar e a pressão na inflação na casa dos dois dígitos, com o aumento dos preços nos alimentos, transportes e energia elétrica. Apesar de tudo, o comércio espera um cenário favorável para o fechamento do ano.

**Valter Moura é presidente da ACISBEC (Associação Comercial e Industrial de São Bernardo do Campo)**  
[presidencia@acisbec.com.br](mailto:presidencia@acisbec.com.br)

### **A IMPORTÂNCIA DA DIGITALIZAÇÃO NO CENÁRIO ECONÔMICO**

Assim que começou a pandemia e, de uma hora para outra, grande parte das empresas foi fechada, a preocupação e a incerteza tomaram conta de toda a sociedade, exigindo que a criatividade e ousadia imperassem para que a economia pudesse continuar girando e os empregos mantidos.

A ACISA – Associação Comercial e Industrial de Santo André apostou fortemente na transformação digital de seus serviços e, dessa forma, manteve os postos de trabalho, receita e, principalmente, o atendimento à classe empresarial, mesmo de forma remota.

Em 2020, criou a Academia de Negócios e Inovação e, por meio dela, realiza uma série de *lives*, palestras e podcasts sobre os mais diversos temas do mundo corporativo, além de reforçar parcerias com importantes instituições acadêmicas e de classe, como o CRA-SP Educa (Conselho Regional de Administração de São Paulo), para aprimoramento profissional e capacitação técnica das empresas associadas e de seus colaboradores.

A entidade ainda abriu espaço para apresentar a história de sucesso de grandes empreendedores, individuais e corporativos, através do Programa *ABC que dá certo* e, ao mesmo tempo, compartilhar experiências e desafios de importantes gestores da região.

E sua contribuição para o desenvolvimento econômico não para. A entidade participa ativamente do Circuito Andreense de Empreendedorismo, criado em 2018 pela Secretaria de Desenvolvimento e Geração de Emprego de Santo André. O evento visa descentralizar a oferta de qualificação empreendedora no município e, nesse dia, os empresários têm a oportunidade de conhecer os serviços da ACISA, os cursos gratuitos de capacitação, receber orientações, além de expor suas necessidades para que a equipe da entidade associativa possa propor soluções, sempre visando o crescimento do negócio.

Nas principais datas do varejo e como forma de valorizar o comércio local, a ACISA auxilia os comerciantes com divulgação e material de apoio da sua campanha permanente *Compre em Santo André, prestigie seu bairro!*

Outra importante iniciativa da entidade foi a elaboração de um *e-book*, disponível gratuitamente no portal da entidade, que traz uma série de informações e um passo a passo de como iniciar a transformação digital, *marketplaces* disponíveis no mercado para efetivar as vendas online, como utilizar corretamente o WhatsApp e as redes sociais para divulgar, vender e alavancar seu empreendimento.

Durante a pandemia, a transformação digital foi o melhor remédio para que as empresas pudessem se manter saudáveis!

**Pedro Cia Junior, presidente da ACISA**  
[presidente@acisa.com.br](mailto:presidente@acisa.com.br)

### **A EVOLUÇÃO DO EMPREGO EM RELAÇÃO À PRÉ-PANDEMIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE ABCDMRR, SÃO PAULO E BRASIL**

A tabela abaixo mostra a evolução no nível de emprego ao longo de 2 anos, entre o mês de Janeiro de 2020 e Janeiro de 2022, nas áreas geográficas da região do ABCDMRR, do Estado de São Paulo e do Brasil. Como Janeiro de 2020 foi o último mês sem o diagnóstico de casos de Covid no País, o período considerado nos fornece um quadro do nível de emprego atual em relação à pré-

pandemia, podendo efetuar algumas avaliações do desempenho da região do ABCDMRR.

Crescimento percentual do emprego entre 01/20 e 01/22			
	ABCDMRR	SP	Brasil
Emprego na Indústria	-0,93%	4,05%	6,97%
Emprego na Construção	20,23%	16,55%	17,23%
Emprego no Comércio	4,18%	4,33%	6,40%
Emprego nos Serviços	2,10%	5,36%	6,97%
Emprego Total	2,61%	6,01%	6,80%

Elaboração própria a partir de Novo Caged

Como é visível pela tabela, todos os níveis geográficos considerados estão, em Janeiro de 2022, acima do patamar pré-pandemia. A região do ABCDMRR viu o emprego crescer 2,6% no período, substancialmente abaixo das taxas de crescimento do Estado de São Paulo (6,0%) e do Brasil (6,8%). Olhando por setor, a taxa de crescimento do emprego no comércio no ABCDMRR foi similar à de São Paulo, mas mais de 2 pontos percentuais abaixo da taxa de crescimento deste emprego no Brasil, enquanto o crescimento do emprego nos Serviços na região foi notavelmente abaixo do aumento registrado em São Paulo e no País. Se considerarmos a indústria, o cenário piora: enquanto o emprego industrial cresceu 4,05% em São Paulo e 6,97% no Brasil, na região do Grande ABC registrou-se queda de 0,93%, confirmando as grandes dificuldades que a região enfrenta para resgatar o crescimento produtivo do setor industrial. A boa notícia, no entanto, vem do setor de construção, sendo este o único em que a região teve um desempenho melhor do que o Brasil e São Paulo: o emprego no setor de construção cresceu mais de 20% no ABCDMRR, contra 16,6% no Estado e 17,2% no Brasil. Esse vertiginoso crescimento do setor de construção, derivado das dinâmicas trazidas pela pandemia com a revalorização do espaço doméstico e a queda dos juros, ajudou a amenizar parcialmente a perda de empregos

durante o período pandêmico e manteve-se alto até agora, não obstante a elevação da Taxa Selic, sendo que em Março de 2022 o número de empregados nesse setor registrou alta de 0,96% na região, segundo dados do Novo Caged, maior do que a variação registrada em São Paulo (0,73%) e pouco inferior à elevação que se teve no Brasil (1,05%).

A análise da tabela permite-nos tirar algumas conclusões fundamentais:

- em todos os níveis geográficos considerados, o nível de emprego pré-pandemia foi recuperado e superado
- a região do ABCDMRR cresce substancialmente menos que o Estado de São Paulo e que o Brasil
- no ABCDMRR, os setores onde os empregos menos cresceram comparativamente ao Estado de São Paulo e ao Brasil, foram os e serviços e a indústria, único setor onde ainda não recuperou-se na região o nível de emprego precedente à eclosão do Covid-19
- o setor que teve o melhor desempenho na criação de emprego ao longo do período analisado foi o de construção, que também foi o único onde a região do Grande ABC conseguiu estar acima da média estadual e nacional.

**Antônio Fernando Gomes Alves**, professor de Economia na Universidade Municipal de São Caetano do Sul e Fundação Santo André, Delegado Regional do CORECON/SP no ABC, doutor em Psicologia Social e Trabalho pela PUC/SP

**Lorenzo Rea**, bacharelado em Economia na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Estagiário Econômico na Delegacia Regional do Grande ABC do Corecon/SP, bolsista PIBIC do CNPq  
[coreconabc@terra.com.br](mailto:coreconabc@terra.com.br)

## ESPAÇO JOVEM ECONOMISTA

### PREVISÃO DA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS EM 2021: IMPACTOS NA ECONOMIA DO GRANDE ABC

Orientador: Lúcio Flavio da Silva Freitas  
Douglas Zapata Alves de Souza  
Lorenzo Rea  
Lucas Gabriel  
Maithe Watanabe  
Maria Eduarda Paulino Silva  
Pedro Henrique Menezes Cabral  
Pietro Sanches Araújo  
Rafael Antico  
Victor Marques de Moraes

#### Resumo Executivo

A indústria automotiva pode ser considerada como o motor econômico do Grande ABC Paulista, situado na área metropolitana da Grande São Paulo. No cenário modificado pela pandemia, a produção de veículos tem sofrido queda frente à recessão econômica ocasionada pela Covid-19. Neste trabalho, objetiva-se fazer previsões sobre a produção de veículos na região do Grande ABC para o ano de 2021 utilizando a metodologia econométrica Box-Jenkins. O resultado evidencia que, contrariamente ao que poderia se esperar no ano de vacinação contra a Covid, é provável que a produção de veículos automotivos se mantenha em patamar semelhante ao observado no ano anterior, em contexto substancial de estagnação.

**Palavras-chave:** Grande ABC; Automotivo; Previsão; Produção; ARIMA.

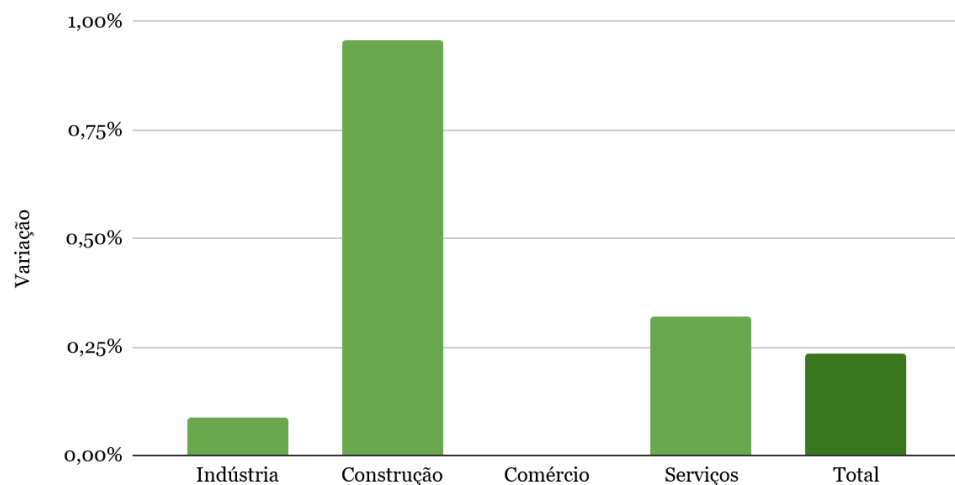
#### Leia na íntegra em:

[Nota Técnica - Previsão da produção de veículos em 2021, impactos na economia do Grande ABC.pdf](#)

# Dados do ABCDMRR

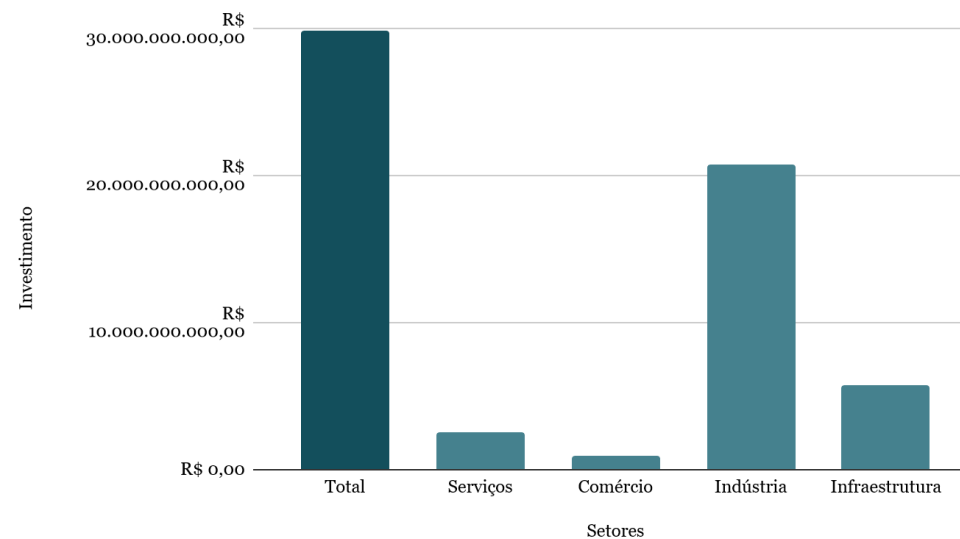
### GRÁFICOS E TABELAS DE DADOS ECONÔMICOS DO ABCDMRR

Gráfico 1: Crescimento percentual do emprego no ABCDMRR, Março de 2022



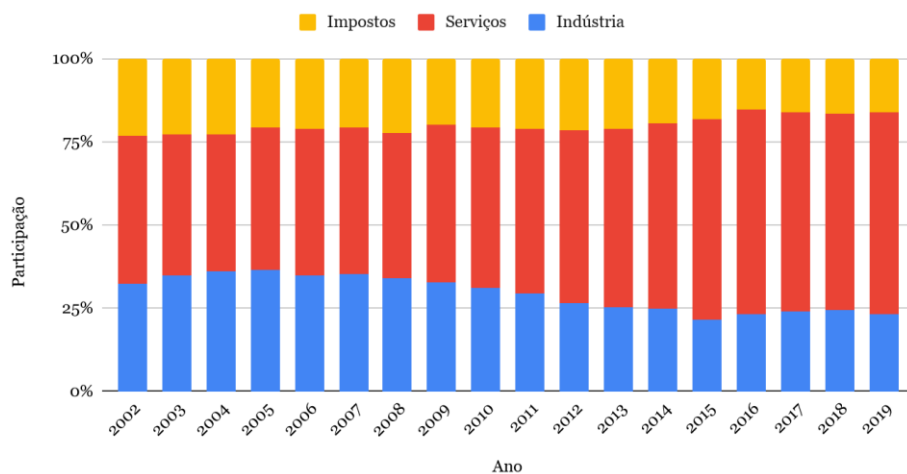
Fonte: elaboração própria a partir de Novo Caged  
elaboração própria a partir de Novo Caged

Gráfico 2: Investimento por setor no ABCDMRR, 2017-2021



Fonte: elaboração própria a partir de SEADE

Gráfico 3: Participação de Indústria, Serviços e Impostos no PIB, ABCDMRR, 2002-2019

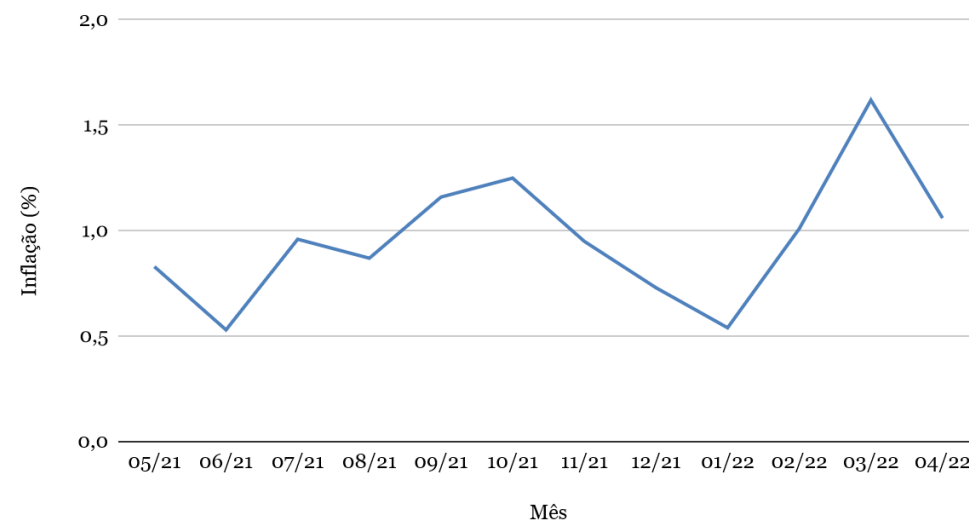


Fonte: elaboração própria a partir de SEADE

Nota

A participação dos impostos varia entre 15,4% do PIB (2016) e 23,1% do PIB (2002)  
 A participação dos Serviços varia entre 40,81% do PIB (2004) e 61,32% (2016)  
 A participação da Indústria varia entre 36,73% do PIB (2005) e 21,51% (2015)

Gráfico 4: Inflação dos últimos 12 meses



Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE

Clique aqui para acessar a nossa base de dados

**Banco de dados do ABCDMRR**